



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



PROMOTORES:



APOIO:



FAKE NEWS, SAÚDE E CAMPANHAS DE VACINAÇÃO CONTRA O SARAMPO: REVISÃO CONCEITUAL

**NOTICIAS FALSAS, SALUD Y CAMPAÑAS DE VACUNACIÓN CONTRA EL SARAMPION:
REVISIÓN CONCEPTUAL**

**FAKE NEWS, HEALTH AND VACCINATION CAMPAIGNS AGAINST MEASLES: A
CONCEPTUAL REVIEW**

Adriane Fátima De Boni¹, Larissa Zanela Mendes², Airton Adelar Mueller³

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNIJUI. Mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, pós-graduada em Gestão Pública pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e graduada em Comunicação Social-habilitação Jornalismo pela UNIJUI. E-mail: adriane.boni@sou.unijui.edu.br

²Docente no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (Mestrado e Doutorado) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). E-mail: airton.mueller@unijui.edu.br

RESUMO

O presente artigo faz uma revisão conceitual sobre as *fake news* relacionadas à saúde e campanhas de vacinação contra o sarampo. A partir da metodologia qualitativa, realizou-se uma revisão de literatura, cuja divisão se deu da seguinte forma: primeiramente, investiga as origens históricas das *fake news*; em seguida, problematiza o fenômeno do surgimento da comunicação *online* e sua relação com as notícias falsas; na sequência, distingue o conceito de *fake news* e outros similares, como pós-verdade e desinformação; faz, ainda, a descrição do impacto das *fake news* sobre a área da saúde e da vacinação; e por fim, traz algumas possíveis respostas para o problema das notícias falsas, a partir de contribuições recentes de entidades e grupos de combate à desinformação. Como resultados, foi identificado o aumento crescente no quantitativo de famílias que deixaram de imunizar as crianças em decorrência da forte atuação de grupos antivacina, o que fez ressurgirem doenças já controladas em território nacional, como o sarampo e a poliomielite.

Palavras-chave: Fake News. Desinformação. Saúde. Vacinação. Sarampo.

RESUMEN

Este artículo hace una revisión conceptual de las noticias falsas relacionadas con la salud y las campañas de vacunación contra el sarampión. Con base en la metodología cualitativa, se realizó una revisión bibliográfica, la cual se dividió de la siguiente manera: primero, investiga los orígenes históricos de las *fake news*; luego, problematiza el fenómeno del surgimiento de la comunicación *online* y su relación con las *fake news*; a continuación, distingue el concepto de *fake news* y otros afines, como la pos-verdad y la desinformación; También describe el impacto de las noticias falsas en la salud y la vacunación; y finalmente, trae algunas posibles respuestas al problema de las *fake news*, a partir de aportes recientes de entidades y grupos que luchan contra la desinformación. En consecuencia, se identificó un aumento creciente en el número de familias que no lograron inmunizar a sus hijos, producto de la fuerte acción de los grupos anti



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



PROMOTORES:



APOIO:



vacunas, lo que provocó el resurgimiento de enfermedades ya controladas en el territorio nacional, como el sarampión y poliomielitis.

Palabras clave: Noticias falsas. Desinformación. Salud. Vacunación. Sarampión.

ABSTRACT

This article makes a conceptual review of fake news related to health and measles vaccination campaigns. It follows the methodology of the literature review and is divided into five items: first, it investigates the historical origins of fake news; then, it problematizes the phenomenon of the emergence of online communication and its relationship with fake news; next, it distinguishes the concept of fake news and similar ones, such as post-truth and disinformation; It also describes the impact of fake news on health and vaccination; and, finally, it brings some possible answers to the problem of fake news, based on recent contributions from entities and groups fighting disinformation. As a result, a growing increase in the number of families who failed to immunize their children was identified as a result of the strong action of anti-vaccine groups, which led to the resurgence of diseases already controlled in the national territory, such as measles and polio.

Keywords: Fake News. Disinformation. Health. Vaccination. Measles.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma discussão de cunho teórico-conceitual, na qual se buscam as bases para aprofundar o referencial da pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). O tema da pesquisa são as *fake news* ou notícias falsas: sua origem e impacto sobre a área da saúde, especialmente no contexto da crise desencadeada pelo movimento antivacina sobre a vacinação contra o sarampo. Neste artigo, apresenta-se a problematização do tema, buscando os principais autores e obras que vêm trabalhando com a temática das *fake news* e o impacto delas sobre a saúde pública.

Trata-se de uma discussão relevante pela urgência com que as *fake news* afetam os processos sociais, conforme já registrado em estudos prévios (VASCONCELLOS-SILVA; CASTIEL; GRIEP, 2015; ALLCOTT; GENTZKOW, 2016). Além de interferir nos processos políticos, as *fake news* têm mostrado poder devastador sobre a saúde pública, como se tem visto no contexto da vacinação contra o sarampo e também desde o início da pandemia do novo coronavírus no Brasil e no mundo.

Para aprofundar o assunto, são abordados autores e obras que esclarecem as origens das *fake news* (BOUNEGRU; GRAY; VENTURINI; MAURI, 2017), a relação que elas têm com a comunicação online (GUROVITZ, 2016; 2018) e as questões conceituais (POSETTI; BONTCHEVA, 2020) que vêm sendo colocadas no debate. O artigo também traz considerações acerca do impacto das *fake news* sobre a área da Saúde (SACRAMENTO; PAIVA, 2020), assim como os resultados de pesquisas recentes que vêm sendo feitas para combater as *fake news*



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

RELAGS



PROMOTORES:



APOIO:



(UNESCO, 2019; MACHADO; DOURADO; SANTOS; SANTOS, 2020), num esforço que envolve desde a publicação de manuais e material educativo, até a formação de redes que congregam diferentes setores da sociedade, como ONGs, institutos de pesquisas e universidades.

A fim de abordar o tema das *fake news* no contexto do movimento antivacina, é preciso contextualizar a discussão. Para tanto, parte-se da origem do fenômeno, passando pela questão da tecnologia e das discussões conceituais que aprofundaram o entendimento das *fake news*, além dos impactos sobre o conhecimento da área da Saúde e as iniciativas que visam a combatê-las. É o que se vai desenvolver a seguir, nessa ordem.

FAKE NEWS: A ORIGEM

O termo “*fake news*” foi cunhado, com o sentido popularmente associado de “notícia falsa”, “mentira”, por Donald Trump, ex-presidente dos Estados Unidos, na campanha que o levou à Casa Branca em 2016 (CAMPOS, 2018). Foi dessa forma que o ex-presidente qualificou todas as notícias que eram desfavoráveis a sua conduta durante o pleito e após a vitória na eleição.

O sentido utilizado por Trump e consagrado popularmente remete a uma tentativa de desqualificar o oponente, sendo por isso mesmo um termo problemático, já que é uma forma de tachar como mentiroso ou fantasioso tudo aquilo que desagrade a alguém numa situação de poder. Mas não apenas por essa razão. Alguns pesquisadores apontam que, conceitualmente, *fake news* seria uma contradição em termos: a notícia, na tradição do jornalismo de qualidade, é o relato fiel dos fatos. “Notícia falsa” ou *fake news* não é notícia, portanto.

Seja como for, o termo parece ter sobrevivido, em que pese a discussão acadêmica em torno de sua legitimidade, que se irá aprofundar mais adiante, no item “1.3 Distinções Conceituais: *Fake News*, Pós-verdade, Desinformação”.

Em termos históricos, a origem das *fake news*, embora possa ser situada na eleição presidencial americana de 2016, é bem mais antiga, a depender do tipo de critério que se use para investigar o fenômeno que o termo designa. Para autores como Helio Gurovitz (2016; 2018), por exemplo, *fake news* é nada mais do que a maneira contemporânea de designar a mentira e a falsidade que sempre estiveram latentes na comunicação humana – e no jornalismo.

Conforme Helio Gurovitz, falar a verdade é a outra face da mentira e do engano. As *fake news* nada mais são do que a contrapartida necessária da eterna discussão sobre o que é a verdade ou sobre a impossibilidade de se chegar à verdade considerada como a absoluta correspondência entre fato e relato. Isso porque, mediando a verdade, há sempre a subjetividade de quem elabora o relato sobre os fatos. Seria impossível, dessa forma, chegar à objetividade absoluta, pois ela implicaria elidir, eliminar o que existe de propriamente humano na comunicação.

O jornalismo em particular discute há séculos essas questões, já que ele trabalha com essa condição de possibilidade: se não há correspondência entre fato e discurso, vale tudo, e portanto não se pode conhecer o mundo nem muito menos falar sobre ele ou relatá-lo como pretenderia



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUESTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



PROMOTORES:



APOIO:



fazer o jornalismo. Para lidar com o dilema, jornalistas e cientistas sociais debatem há tempos a legitimidade do discurso, a capacidade da linguagem em retratar o mundo de maneira fiel, as diferenças entre informação e opinião, a dimensão ideológica que mascara a enunciação, entre vários outros temas de interesse.

Diversos estudos do jornalismo dedicaram-se a demonstrar, de forma conceitual ou empírica, a distorção das informações, sobretudo pelos grandes grupos de mídia (GENRO FILHO, 1989; SOUZA, 2002). Nesse sentido, não há que falar em novidade quando se mencionam as *fake news*: elas nada mais seriam que o termo em voga para designar os velhos processos de ocultação da verdade, empregados na guerra ideológica que coloca de um lado os cidadãos e de outro os grupos de interesse e corporações.

É importante ter em mente essa tradição de estudos, já que ela pode auxiliar nas respostas ao problema representado pela disseminação das *fake news*, como se vai aprofundar no item “Em busca de respostas”, mais adiante.

A datação histórica das *fake news* vai depender do ponto de partida que se queira dar para a discussão. Se se considera a discussão levantada por Gurovitz e outros teóricos e estudiosos da comunicação e do jornalismo, as *fake news* precedem em muito o contexto atual e o próprio jornalismo: elas seriam fenômenos inerentes ao comportamento humano, e mesmo de outras espécies, como mostram alguns estudos na área da biologia evolutiva e do comportamento animal (HARARI, 2020). Falsear a verdade tem sido uma constante na história da vida humana, como demonstram largamente as tradições estéticas e morais de todas as culturas.

Mas a definição que se busca de *fake news* no presente estudo é mais específica: se refere ao fenômeno que ganhou notoriedade a partir do advento das mídias sociais digitais, na segunda metade do século XXI, e que passou a ter forte influência sobre todas as esferas da opinião pública.

Tal delimitação temporal deve-se à necessidade de compreender e especificidade do fenômeno das notícias falsas nesse contexto de circulação com forte viés tecnológico, marcado pela conexão de todos em todos os lugares do planeta. Trata-se de um contexto específico, que vem acarretando consequências também específicas e pontuais, como a descrença nas instituições tradicionais, a alta capacidade de replicação e disseminação, o uso do aparato técnico multimídia, a formação de comunidades de crenças e a mimese das formas tradicionais da imprensa para legitimar as mensagens.

A preocupação com os efeitos das *fake news* sobre o processo político foi acionada quando do referendo que selou a saída do Reino Unido da União Europeia, no movimento que ficou conhecido como “Brexit”, iniciado em 2016 e ainda em processo de concretização. Ali ficaram evidenciadas as potencialidades das mídias sociais digitais na disputa política, já que as chances de o Reino Unido abandonar o bloco comum europeu eram impensáveis há poucos anos. Muitos analistas (GUROVITZ, 2016; THE ECONOMIST, 2017) apontam nesse episódio a atuação decisiva das *fake news* que circularam pelas redes sociais digitais.



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

RELAGS



PROMOTORES:



APOIO:



Na sequência, como previamente mencionado, as *fake news* voltaram a ter papel protagonista no pleito eleitoral que levou Donald Trump à Casa Branca em 2016. A eleição foi marcada pela guerra de versões e pelos serviços de robôs ou bots como arma no processo eleitoral (SHAO *et al.*, 2017).

Esses episódios, que servem como marco temporal para balizar cronologicamente o fenômeno das *fake news*, contêm os elementos que as caracterizam de forma essencial, e que passaram a ser utilizados em outras esferas da sociedade, como a área da saúde: narrativas fantasiosas feitas para desqualificar oponentes; imitação do formato noticioso para dar legitimidade ao relato; disseminação em aplicativos de mensagem para dificultar a identificação dos autores; uso da alta tecnologia para multiplicar a circulação, como robôs e realidade virtual... (RÊGO, 2020).

Foi nesse contexto que surgiu a paisagem que hoje se observa na cultura: uma realidade que está sempre em xeque pelas crenças de grupos guiados ideologicamente; instituições também em xeque pelas narrativas e mundos paralelos criados nesse universo de crenças; volta de crenças ultrapassadas e negacionismo da ciência.

As *fake news* incidem sobre essas questões de maneira frontal: elas põem em xeque todas as discussões acerca do que é verdade e que é falso, num contexto em que mudaram as formas de comunicação e disseminação de informações. Que contexto é esse?

A mudança principal se deu quando do advento da internet, na metade da década de 1990. A rede de alcance mundial solapou os alicerces da comunicação tradicional, por possibilitar a troca de mensagens de forma ágil e sem intermediários, em tempo real (CASTELLS, 1999; ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

É esse contexto que convém entender melhor para que se possa avançar no entendimento do fenômeno das notícias falsas, tarefa para o próximo segmento da presente explanação.

FAKE NEWS E COMUNICAÇÃO ONLINE: RELAÇÕES

Neste segmento, enfoca-se o papel da comunicação online e das redes sociais na disseminação de notícias falsas ou *fake news*. É sabido que a rede mundial, cujo início comercial se deu na década de 90 do século XX, teve papel protagonista na constituição de novas sociabilidades, assim como de novos meios de as pessoas se comunicarem. Grosso modo, a história da comunicação conheceu a comunicação oral, a escrita, a imprensa e a comunicação online (GRANEZ, 2018).

A primeira fase foi marcada pelo contato cara a cara entre os participantes do processo comunicativo. A invenção da escrita e, posteriormente, da imprensa, modificou esse processo, trazendo a hierarquia e a continuidade ao longo do tempo, na medida em que possibilitaram à palavra perpetuar-se para além do momento em que é emitida e para além da memória dos participantes de um ato de comunicação.



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



PROMOTORES:



APOIO:



Tudo isso muda com a comunicação online. Esta possibilita o contato de cada ponto do processo comunicativo com os demais, solapando a hierarquia da comunicação característica do período da mídia de massa – jornal, rádio, cinema, televisão. A comunicação online também possibilita uma resposta muito mais ágil entre os envolvidos no ato comunicativo, que passam a ser em grande medida produtores de conteúdo, para além de receptores de informação.

A mudança instaurada pela comunicação online, que é fruto de diversos avanços técnicos, como a invenção dos computadores, da internet e das mídias sociais digitais, deu novo impulso a antigas potencialidades da comunicação humana. Em alguns casos, ela fez renascer as tendências tribais que marcaram a história da Humanidade. E que tendências seriam essas?

Uma delas seria a tendência a propagar informações sobre os fatos e os membros da comunidade, sob a forma de avaliações morais e censura quanto ao comportamento desviante. Em outros termos, a disseminação da fofoca. Segundo autores como Yuval Noah Harari (2020), em geral se reconhece na fofoca um elemento crucial para a coesão das sociedades primitivas e pré-industriais.

A novidade, no caso, é o ressurgimento da fofoca numa dimensão que extrapola os grupos reduzidos de pessoas: a fofoca agora tem o alcance mundial da internet, e pode ser propagada com velocidade nunca antes vista. Fenômenos recentes como os linchamentos no Rio de Janeiro ou os cancelamentos de perfis públicos no Instagram e outras mídias sociais digitais demonstram o poder da fofoca no mundo real.

No caso das *fake news*, acontece algo semelhante: uma narrativa inventada, fruto de más intenções, de ingenuidade ou de motivação satírica, modifica o que é fato, e seu poder de espalhamento só faz aumentar de acordo com o grau de improbabilidade do que é narrado.

Tanto como a fofoca nos grupos reduzidos do período pré-industrial e das sociedades primitivas, as *fake news* também se propagam com grande velocidade, agora contando com o aparato tecnológico que permite comunicação instantânea entre todos os cantos do planeta. Diversos estudos na área da Comunicação e do Jornalismo têm analisado as *fake news* (MARDA; MILAN, 2018; DALMAZO; VALENTE, 2018; SPINELLI; SANTOS, 2018).

Esses trabalhos vinculam a origem das *fake news* ao contexto específico da comunicação online. Se antes existiam mentiras e narrativas fantasiosas na imprensa – e elas sempre existiram, no jornalismo e fora dele –, hoje existe um fato novo, ligado à dimensão que as *fake news* tomaram, devido a seu poder de espalhamento e aos recursos que somaram às narrativas – vídeos, áudios, manipulação de imagens e toda a sorte de instrumentos técnicos utilizados para alterar a realidade e construir narrativas falsas.

Na era da comunicação de massa, dominada pelo jornal impresso, depois pelo rádio e pela televisão, as coisas foram um pouco diversas. Como já visto, o modelo de comunicação desse período privilegiava um ponto emissor, constituindo uma comunicação hierárquica, onde um fala – ou escreve ou mostra – para muitos (WOLF, 1984). As formas de falseamento da realidade nesse período eram marcadas pelo ponto de vista do emissor: aquilo que era tematizado – *agenda-setting* –, no processo de produção da notícia – *newsmaking*.



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

RELAGS



PROMOTORES:



APOIO:



Em cerca de duzentos anos de comunicação impressa – considerando o início da imprensa no Brasil, em 1808 – e cem anos de comunicação de massa eletrônica – considerando o início do rádio no Brasil, em 1922 –, foram muitas as formas de falseamento da realidade e de encobrimento dos fatos, como demonstra a produção teórica do campo da Comunicação, a qual teve forte impulso desde os anos 1970, com a criação dos primeiros cursos de bacharelado na área aqui no Brasil.

O advento da comunicação online, no final do século XX, trouxe outros objetos e outras contribuições para o estudo do falseamento da realidade por meio da mídia digital. Nesse contexto é que nascem propriamente as *fake news*. Vive-se nos tempos atuais o que alguns autores chamam de fenômeno da midiaticização, que seria a adoção dos procedimentos e práticas da mídia por outros campos sociais (FAUSTO NETO, 2006; HJARVARD, 2012).

O advento da comunicação digital acelerou a midiaticização, na medida em que tornou acessível a um maior número de pessoas os instrumentos e os formatos da mídia: vídeos, podcasts, textos, gráficos, produções em múltiplas mídias.

A comunicação via dispositivos da era da internet também difere substancialmente da comunicação da era da mídia de massa pela peculiaridade das mídias sociais digitais, que desde o início dos anos 2.000 passaram a estar presentes mais e mais na vida da sociedade. Redes sociais como o Facebook, o Twitter e o Instagram, aplicativos de mensagens como o WhatsApp e o Telegram, e canais de vídeo como o Youtube têm um desenho que permite ao usuário interagir de forma mais ágil e ativa, sem depender da mediação que caracterizava a mídia de massa (CHRISTOFOLETTI, 2018).

Por colocarem em contato pontos dispersos da rede virtual, esses dispositivos abriram a caixa de Pandora da comunicação, liberando energias acumuladas há muito tempo pelo processo de edição operado no antigo contexto da mídia de massa. Alguns autores (GRANEZ, 2018; FISCHER, 2015) veem nesse processo parte da explicação para o quadro atual da comunicação: seria uma espécie de volta da oralidade e das forças afetivas que marcam a comunicação dos pequenos grupos. Fenômenos como o nacionalismo, os movimentos identitários e o radicalismo à direita e à esquerda seriam uma espécie de subproduto dessa potencialidade agora vinda à tona com os meios digitais de comunicação e as redes sociais.

A peculiaridade das redes sociais, que instauram um ambiente poroso, permissivo e flexível, possibilita maior velocidade no compartilhamento das notícias e opiniões dos usuários. Não há cuidado ou compromisso com a verdade, e as *fake news* encontram ambiente propício para disseminação. O conceito de “laços fracos”, de Mark Granovetter, ajuda a entender como isso ocorre:

em uma rede, a velocidade de propagação de uma informação tende a ser maior entre os laços fracos. Exatamente por não estarem diretamente envolvidos no processo, sua percepção de novidades é maior e, portanto, a chance de lidarem com uma informação nova e a colocarem em circulação é maior. Isso permite pensar, por exemplo, nos memes e/ou virais que se propagam na internet. A existência de laços fracos garante que essas mensagens continuem sendo reproduzidas (GRANOVETTER, 1983).



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



PROMOTORES:



APOIO:



Por remeterem a um contato em que a emoção e a sensação de pertencimento ao grupo são mais importantes do que as instituições e suas regras gerais, as redes sociais digitais carregariam em si os perigos inerentes à comunicação familiar, marcada pelos afetos e pela emoção (THE ECONOMIST, 2017; RECUERO, 2020). Já a mídia de massa, que reinou desde o advento da imprensa, foi marcada pela racionalidade da palavra impressa, que instaura o distanciamento e a reflexão trazidos pela abstração da língua escrita (SILVA, 2020). Marshal McLuhan foi um dos autores que mais chamaram a atenção para a arquitetura própria da mídia e para a forma como se dá a interação entre o homem e os diferentes meios de comunicação (McLUHAN, 1979).

As mudanças na arquitetura ou no modelo de comunicação instauradas pelas mídias digitais foram cruciais para a mudança na concepção de verdade trazidas pelas *fake news*. Se antes quem definia a verdade eram as instituições e sua autoridade, na era das redes sociais digitais e da internet essa autoridade foi deslocada para o polo da recepção. Com isso, o poder antes concentrado na mídia de massa se diluiu, dando lugar a um poder construído em cima de relações porosas, no jogo de forças dentre diferentes concepções de verdade. As narrativas criadas pelos grupos de interesse tomaram o lugar das narrativas institucionais, ou ao menos estão em luta constante contra essas últimas.

Seja como for, o fato é que diversos fenômenos recentes em nível mundial e nacional coincidiram em termos cronológicos com o advento da comunicação digital. Com as *fake news*, também há paralelos interessantes.

O recrudescimento das notícias falsas tem se dado com os temas mais sensíveis, como a política e a saúde pública. A incerteza de tais processos parece contribuir para o acirramento das soluções mágicas e para a visão polarizada das questões. A ansiedade gerada por esses episódios parece dar força aos boatos e narrativas de cuinho falso ou fantasioso.

É importante ter uma ideia das distinções entre a mídia de massa e as mídias sociais digitais, já que essas distinções dão pistas sobre o fenômeno das *fake news*, e podem ter inclusive contribuído para o surgimento delas na dimensão que ganharam nos dias atuais.

Mas falar sobre *fake news* não é falar de algo estanque nem mesmo consensual. Muitos divergem sobre a originalidade ou mesmo a existência das *fake news*. Outros preferem nomeá-las de forma diversa, entendendo que há problemas já na expressão utilizada, que estaria em conflito com a essência do termo “*news*” (notícia). Essas distinções são o tema do próximo segmento da investigação.

DISTINÇÕES CONCEITUAIS: FAKE NEWS, PÓS-VERDADE, DESINFORMAÇÃO

“*Fake news*” é um termo controverso quando aplicado às notícias falsas. Para Bucci (2018), por exemplo, o termo mais adequado seria “notícias fraudulentas”, que expressaria a intenção dolosa de lesar direitos econômicos e políticos¹. Para o jornalista e professor, existiria uma



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

RELAGS



PROMOTORES:



APOIO:



distinção entre notícia falsa e notícia fraudulenta, que seriam termos com distintas cargas valorativas.

O jornalista mexicano Esteban Illades (2018) é outro que propõe distinções e especificidades para o conceito de *fake news*: para ele, elas visariam ao lucro, existindo a criação de uma “narrativa preestabelecida”, que tem por objetivo enganar o leitor². Não se trata, portanto, da situação de engano ou mesmo de mera paródia dos fatos e da realidade. A intenção aqui, na concepção de Illades, é dolosa igualmente.

Como visto anteriormente, o termo *fake news* propagou-se pelo mundo após a campanha presidencial de Donald Trump e Hillary Clinton em 2016. Naquela ocasião, informações falsas a respeito da candidata Clinton foram compartilhadas massivamente por eleitores de Donald Trump, principalmente em sites de redes sociais (CAMPOS, 2018).

Com o fim das eleições, o fenômeno das *fake news* recém começava a despontar com força no cenário do debate público mundial. Elas se espalharam pelas mídias sociais e também pela mídia tradicional, que hoje se alimenta em boa parte do conteúdo que circula nas mídias sociais digitais. Começaram a surgir até mesmo empresas especializadas em produzir notícias falsas. Campos (2018) afirma que os “contratantes” do serviço dessas empresas pagam somas elevadas para veicular *fake news* de forma sigilosa e sem deixar rastros da transação para investigações futuras.

Uma definição nuançada é feita por Paula, Blanco e Silva (2018). Para esses autores, as *fake news* seriam informações que objetivam representar uma situação ou ponto de vista de um acontecimento ao público; entretanto, parte de ou todo o seu conteúdo contém informações inverídicas. Trata-se, portanto, de uma distorção de parte da verdade, que dessa forma contamina toda o relato.

As comunidades virtuais surgem nesse contexto. Trata-se do local virtual em que as informações são compartilhadas entre pessoas que se unem por interesses comuns – música, política, culinária, futebol... essas comunidades detêm enorme poder de construção e de transmissão de *fake news*, já que cada indivíduo pode construir e repassar diversas notícias falsas a cada dia, e essa tarefa é também potencializada por meio de programas e de robôs. Isso torna a identificação de *fake news* uma tarefa extremamente difícil, da qual se têm encarregado as agências de checagem ou *fact-checking*. Essas agências buscam auxiliar no processo de apuração das mensagens e no esclarecimento do debate público, mediante a verificação das *fake news* que se espalham pela rede.

Para Spinelli e Santos (2018), as pesquisas comprovam que a disseminação de *fake news* confunde as pessoas na tarefa de distinguir o que é real do que é falso. Como resultado desse processo de falseamento da verdade, presencia-se atualmente uma séria ameaça ao jornalismo e à democracia.

Isso porque as notícias falsas ou *fake news* acabam por colocar em xeque as instituições que sustentam a ordem social e política. Ao desacreditar o jornalismo, as *fake news* lançam suspeita sobre todas as formas de relato, de todas as instituições, e as pessoas já não sabem em que



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

RELAGS



PROMOTORES:



APOIO:



acreditar. O mesmo vale para a ciência, assim como para a medicina. Recentemente, ganharam força grupos de pessoas que acreditam que a Terra é plana, e não redonda. Essas pessoas, das mais distantes partes do planeta, reúnem-se em comunidades virtuais, onde compartilham sua crença e impulsionam a adesão de mais e mais seguidores. A ciência passa a ser vista como algo a ser colocado em dúvida, quando não a ser desprezado.

O mesmo se passa com a medicina, um dos ramos científicos mais importantes para a vida humana. O movimento antivacina, que reúne diversos segmentos da sociedade em torno da ideia de que as vacinas propagam doenças como o autismo e outras enfermidades, alimenta-se da ignorância e da ingenuidade para ganhar espaço e voz. Os resultados já estão sendo colhidos, com números que mostram o declínio da vacinação e a volta de doenças que já haviam sido erradicadas (BRAZ, 2020). A medicina sai enfraquecida, quando não derrotada nesse embate: a desconfiança sobre os métodos e técnicas da saúde, que se espalha com a força dos boatos, faz vítimas reais.

Nesse sentido, é possível afirmar que a crise instaurada pelas *fake news* é, em grande medida, a crise de legitimidade das instituições no contexto da comunicação digital e da sociedade em rede.

Alguns discordam quanto ao termo em si. “*Fake news*”, literalmente traduzida do inglês, significa “notícia falsa”. Vimos que isso implica já um paradoxo. Se a notícia é o relato de um fato, significa que ela não é falsa, pois um fato é um fato. Para os que raciocinam por essa linha, o termo mais adequado para designar o fenômeno das mentiras e falsidades é “desinformação”.

A desinformação seria uma expressão mais justa, na medida em que evitaria o paradoxo das *fake news*, assim como o viés de negatividade associado à imprensa que marcou a fala do ex-presidente americano Donald Trump ao “cunhar” o termo *fake news*. “Desinformação” também teria o mérito de não incidir em juízo de valor – falso, verdadeiro etc. –, retirando da designação a tendência a polarizar e a julgar, que tem marcado o debate atual.

Mas, segundo Bounegru *et al.* (2017), nem todas as informações falsas tornam-se *fake news*: para tanto, é preciso que ela mobilize muitas pessoas, o que inclui desde aliados com suas reações, testemunhas e partilhas, até oponentes, que as identificam, as sinalizam, contestam e desmentem.

Conforme Allcott e Gentzkow (2017) as *fake news* implicam conteúdo intencionalmente falso, pois elas são fabricadas com o propósito de enganar os leitores. Considerando-se o âmbito da saúde pública, tem-se um cenário extremamente preocupante, porque as *fake news* vendem a ideia de que existem soluções milagrosas para doenças, influenciando milhões de pessoas, e eventualmente as levando à morte por essa crença.

Um aspecto relevante sobre as mídias sociais é trazido por Shao *et al.* (2017). Eles salientam o poder de manipulação das mídias sociais: é possível influenciar a opinião pública a um baixo custo, por meio de sites fraudulentos e um sem-número de perfis e páginas controlados pela Inteligência Artificial, que interage com humanos simulando a interação humana. Dessa forma,



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

RELAGS



PROMOTORES:



APOIO:



as notícias enganosas podem ser disseminadas rápida e eficazmente, para um número potencialmente ilimitado de pessoas.

Contemporânea ao termo “*fake news*”, surgiu também a designação “pós-verdade” (CASTILHO, 2016), que foi dicionarizada em 2016 pelo Dicionário de Oxford. Naquela data, “pós-verdade” foi escolhida a palavra do ano, definida nos seguintes termos: “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal” (D’ANCONA, 2018, p. 20).

A pós-verdade consiste, assim, na verdade que está além dos fatos, que não depende deles, mas da convicção de quem acredita naquela verdade. Nesse sentido, o termo remete em linhas gerais ao conceito de ideologia, tal como concebido pelas ciências sociais: sistema de ideias e de crenças (PAULA; BLANCO; SILVA, 2018). Ela não equivale às *fake news*, mas se situa no mesmo caldo de cultura que gerou a onda de desinformação que varreu o globo na segunda década deste século. É possível dizer que as *fake news* concorrem para estabelecer pós-verdades, na medida em que contribuem para a formação de “bolhas” nas quais somente interagem os que concordam de antemão sobre as mesmas crenças.

O apelo das notícias falsas deve-se ao conteúdo emocional que elas carregam, o que contribui para que se espalhem mais rapidamente do que as notícias verdadeiras. Para Davenport (2018, p. 17), “elas são geralmente apelativas emocionalmente, ou reforçam algum ideal político ajudando a reforçar crenças e por isso são amplamente compartilhadas e comentadas antes mesmo que os usuários chequem as fontes das notícias”. O impacto causado, a vontade de compartilhar, a vaidade de ser o primeiro a contar a novidade – são todos motores para a rápida disseminação das *fake news*. Quanto mais o assunto toca áreas sensíveis do imaginário e da vida real, mais tende a ganhar versões fantasiosas e deletérias.

A saúde e a medicina enfrentam uma verdadeira avalanche de notícias falsas nos últimos anos, marcados pela volta de doenças erradicadas em países como o Brasil e pelo questionamento da autoridade médica tradicional, tema do próximo segmento.

ALERTA NA ÁREA DA SAÚDE

Uma das áreas mais afetadas pelas *fake news* é a da saúde. Vieira e outros (2019, p. 3) assinalam:

No Brasil, durante o terceiro trimestre de 2018, de acordo com PSafe (2018), no 5º Relatório de Segurança Digital, relativo ao terceiro trimestre de 2018, 46,3% das *fake news* detectadas abordaram o tema política, seguido pelo tema saúde, em segundo lugar, com 41,6% das identificações realizadas.

Observa-se que a saúde vem sendo visada de forma frequente pelas *fake news*: juntamente com a política, é o assunto que mais sofre com a incidência das notícias falsas, conforme o estudo indicado. O mais preocupante, conforme Henriques (2018), é que as campanhas de imunização infantil foram afetadas diretamente pela disseminação dessas mensagens falsas: “A combinação mais perigosa acontece quando informações e orientações que contrariam o conhecimento



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

RELAGS



PROMOTORES:



APOIO:



científico são difundidas numa situação em que existe algum fato real, como uma epidemia ou uma campanha de saúde pública” (HENRIQUES, 2018).

É nesse contexto que a propagação das *fake news* ganha terreno, pois se alimenta do medo e da ignorância de grandes parcelas da população sobre os assuntos relacionados com a saúde. É notória a falta de informação de qualidade sobre saúde em países com baixos índices de educação como o Brasil, e persistente a tendência das pessoas em buscar a cura de forma independente ou por vias não reconhecidas pela Medicina: chás, benzimentos, simpatias... O contexto das crises sanitárias costuma ser um ambiente propício para que esse aparato de práticas não oficiais venha à tona com toda a força.

A área da saúde também sofre com o impacto das novas tecnologias, tendo em vista que ficou mais fácil para todos o acesso à informação. Mas informação sem interpretação adequada pode se transformar em um problema. A autoridade dos médicos tem sido contrastada com a de outros profissionais, nem sempre habilitados ou mesmo minimamente equipados para orientar as pessoas em assuntos da saúde.

Em paralelo a esse acesso quase universal sobre informação por vezes hermética, há também o fenômeno dos dissidentes que, de dentro do cânone médico, o contestam, gerando mais e mais dúvidas sobre o cidadão comum acerca do que é certo e o que é errado nos assuntos da saúde.

Pesquisas recentes sobre as *fake news* (SACRAMENTO; PAIVA, 2020; POSETTI; BONTICHEVA, 2020) mostram que a comunidade médica não é um corpo homogêneo de conhecimento, e têm havido dissenso em questões importantes, como a eficácia das vacinas e as recomendações sobre medicamentos.

Também aqui é possível perceber a presença determinante dos meios digitais de comunicação como ingrediente do problema: vídeos no Youtube, conversas em *lives*, recomendações em sites, áudios pelo WhatsApp – são muitas as formas de disseminação utilizadas pelos médicos que não estão de acordo com as recomendações oficiais da categoria. Isso tende a gerar mais e mais dúvida na cabeça do cidadão comum, que costuma enxergar no médico a autoridade máxima sobre os assuntos da saúde.

A crise atinge o conhecimento da medicina como atinge o de outros campos do conhecimento, mas em contextos específicos, como as campanhas pela imunização coletiva, ela pode ter consequências práticas desastrosas, em todos os sentidos. Ao deixarem de imunizar seus filhos por terem confiado em algum dissidente ou charlatão online, os pais põem em risco não apenas a saúde dos filhos como também a de todas as crianças que podem ser vitimadas pela volta de doenças como o sarampo e a paralisia infantil. Movimentos coletivos de resistência ao uso de vacinas, como as comunidades que se recusam a vacinar as crianças, ganharam força nos últimos anos no Brasil, mas já eram atuantes pelo menos desde os anos 1970 nos Estados Unidos. É um quadro que gera apreensão das autoridades e que dá amplo espaço para a propagação de *fake news*.

Os números recentes da vacinação no Brasil (SENADO, 2018) acenderam o alerta: mostram que existe uma tendência de os pais não vacinarem seus filhos, seja por não acreditarem nas



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

RELAGS



PROMOTORES:



APOIO:



vacinas, seja pelo fato de sentirem-se protegidos pela baixa frequência com que novos casos aparecem.

Os riscos mais graves são a volta das doenças já erradicadas e o surgimento de novas e mais fortes doenças em um contexto de descrédito da medicina e das autoridades da área da saúde. Nos últimos anos, a saúde sofreu o forte impacto das *fake news* (VASCONCELLOS-SILVA; CASTIEL; GRIEP, 2015), o que tem exigido o esforço concentrado dos profissionais da área para pensar em estratégias de divulgação e educação que dialoguem com a população e leve conhecimento de qualidade ao debate público. Algumas dessas iniciativas estão articuladas com campanhas na mídia, com parceiros ligados a universidades, institutos de pesquisa e organizações da sociedade civil. É o que vai ser abordado no próximo segmento desta investigação.

EM BUSCA DE RESPOSTAS

Como se viu, o estrago feito pelas *fake news* sobre a verdade e a autoridade das instituições é grande. Depois de saudarem a chegada da comunicação online por seu potencial libertador, os pensadores da comunicação e do jornalismo passaram a ver com preocupação os desdobramentos dessa forma de produzir e disseminar conteúdos pela rede.

Ficou claro que as redes sociais digitais não são a panaceia para os males da humanidade. Pelo contrário, podem vir a se tornar o seu pior pesadelo, se se tomar como base o estrago que já ocasionaram nos anos recentes deste novo século. A questão que se tem colocado para muitos desses pesquisadores é: que fazer? Quais os caminhos possíveis para lidar com a liberdade proporcionada pelas novas formas de comunicação, sem que se caia nas armadilhas do falseamento e do engano, ou das atitudes autoritárias da censura?

Não há receita pronta nem respostas definitivas, até porque se trata de um problema novo, que exige atenção às variáveis que vêm se somando ao processo. Mas já existem algumas sugestões e orientações que podem indicar caminhos no combate às *fake news* e na busca por uma sociedade livre e democrática.

Por exemplo, no campo das recomendações éticas que devem pautar o trabalho da imprensa relacionado às *fake news*, o grupo ObjEthos, da Universidade Federal de Santa Catarina, lançou recentemente um manual voltado à cobertura jornalística. Trata-se do livro *Guia de cobertura ética da Covid-19* (2020).

O manual do grupo ObjEthos responde à necessidade crescente de orientar jornalistas e comunicadores, assim como o cidadão em geral, a ter uma postura crítica e criteriosa no trato da informação que circular nas redes e fora delas. Isso porque o jornalismo é uma das atividades que mais vem sofrendo o ataque sistemático de todos os setores que apostam na disseminação do obscurantismo e da desinformação sob a forma de *fake news*.

Ainda em relação ao combate das *fake news*, há também a contribuição recente do livro de Julia Posetti e Kalina Bontcheva (2020) fruto de um trabalho que visa a identificar e suprimir as



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



PROMOTORES:



APOIO:



notícias falsas, contribuindo assim para um jornalismo e uma comunicação mais próximas da realidade e da solução dos problemas concretos.

Já quanto à presença das *fake news* na área da ciência, pode-se mencionar o importante trabalho intitulado “Ciência contaminada” (MACHADO; DOURADO; SANTOS; SANTOS, 2020). Trata-se de uma coletânea de artigos que trazem relatos e casos de notícias falsas na área do conhecimento científico. A intenção, conforme os autores, é contribuir para o esclarecimento das questões científicas, a par do combate à difusão de desinformação em áreas como a medicina.

Observa-se, dessa forma, a existência de iniciativas importantes na luta pela informação de qualidade e contra as *fake news*. Os mais diversos atores estão engajados nesse combate, como universidades e Organizações Não-Governamentais, todos guiado por valores comuns de respeito à verdade factual e incentivo ao diálogo sadio e não violento.

Em que pese o mérito de todos esses esforços, há ainda um longo caminho pela frente, como mostram os dados sobre a disseminação das *fake news* no Brasil e no mundo. Levantamentos recentes mostram que se vive atualmente no que alguns estudiosos chamam de “pandemia da desinformação” – ou “*desinfodemic*”, na expressão em inglês original (POSETTI; BONTCHEVA, 2020).

Essa pandemia, tal como a pandemia do novo coronavírus, que assola a humanidade desde o início de 2020, é em grande medida alimentada pelo poder das *fake news* e pela crença em seus derivados, como a “pós-verdade”. A incidência desses fenômenos sobre a vacinação ficou patente quando da volta do sarampo ao Brasil, em 2017. Os dados recentes, sobre a pandemia do novo coronavírus, permitem um vislumbre sobre as causas do retrocesso nas campanhas de vacinação contra o sarampo, assim como sobre as possíveis lições que podem ser tiradas daquele episódio.

À GUIA DE SÍNTESE

Até aqui desenvolveu-se a revisão de literatura sobre o tema das *fake news* e sua incidência sobre a área da saúde, especificamente sobre as campanhas de imunização contra o sarampo dos últimos anos no Brasil. A investigação, de cunho teórico, pautou-se por cinco eixos principais: a identificação da origem das *fake news*; a relação entre as *fake news* e o avanço tecnológico; e as distinções conceituais que vêm sendo trabalhadas pelo estudiosos do assunto; o impacto das *fake news* sobre a área da saúde; e, finalmente, as possíveis respostas que vêm sendo dadas para o combate à desinformação.

Nota-se que o tema das *fake news* é abrangente, e que não se restringe à comunicação ou ao jornalismo: ele é talvez o resultado de um processo mais amplo de transformação da base simbólica da sociedade, por meio do uso de ferramentas de comunicação. As mudanças, é necessário observar, se espalham por diversos setores, que vão das eleições à educação, passam pela economia e atravessam as instituições mais importantes da sociedade – o conhecimento



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

RELAGS



PROMOTORES:



APOIO:



acumulado pela ciência, a credibilidade da imprensa, a noção de espaço público, entre muitos outros elementos centrais para a organização social.

Embora ainda esteja em processo de consolidação, a transformação vivenciada pela mudança abrupta na base tecnológica – que muitos autores chamam de “disrupção” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013) – vem mudando a face do globo desde pelo menos o final do século XX. As *fake news* nascem nesse contexto.

As distinções conceituais que vêm sendo feitas, embora apontem para questões importantes, não mudam o fato de que o termo “*fake news*” parece ter caído mais no gosto das massas e dos estudiosos, sendo usado preferencialmente pela população e acadêmicos com o mesmo sentido de termos análogos, talvez mais precisos, como “desinformação” e “notícias fantasiosas”.

A importância da discussão sobre as *fake news* para a área da saúde e para a questão da imunização contra o sarampo só ganhou mais reforço com a crise atual em torno da pandemia do novo coronavírus. De certa forma, a crise que se viu no caso da vacinação contra o sarampo foi como o ensaio da crise mais recente – daí as importantes lições a serem tiradas de episódios semelhantes na história da saúde pública. As respostas que vêm sendo construídas até o momento para enfrentar as *fake news* e reforçar a informação de qualidade mostram caminhos possíveis de ação na esfera política e no comportamento cidadão.

CONCLUSÃO

O tema das *fake news* é um dos mais relevantes para a sociedade contemporânea. Elas estão no centro do debate público e têm afetado todos os setores da vida humana. O dano potencial e real que causam já está sendo medido pelos números sobre a vacinação no país. Seu poder de desorganizar regimes e instaurar o caos em assuntos sensíveis já está provado pelos pleitos eleitorais recentes, que mostram a dificuldade de debater ideias em meio ao ódio e aos ataques pessoais contra os oponentes.

O rastro de ódio e de desinformação causado pelas *fake news* não se restringe ao debate público. Ele afeta de forma dramática setores especializados, como é o caso da saúde, onde a mentira e o falseamento da realidade cobram um preço altíssimo – em vidas humanas. O sofrimento e a morte costumam ser o resultado desse processo, e todos saem perdendo.

No Brasil, ao se analisar o caso das vacinas contra o sarampo e outras doenças, tem-se um exemplo contundente da força das *fake news* e do estrago que elas podem causar. Observa-se chegar ao país, por meio da mimetização do comportamento de grupos estrangeiros, o movimento antivacina, que contesta a eficácia e a necessidade das vacinas, e que constrói narrativas fantasiosas sobre fatos científicos extensamente comprovados. Muitas famílias deixaram de imunizar as crianças por acreditarem nas fantasias e mentiras espalhadas pelos grupos antivacina, o que fez ressurgirem doenças já controladas em território nacional, como o sarampo e a poliomielite.



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

RELAGS



PROMOTORES:



APOIO:



Por isso mesmo é mais do que necessário, primeiramente, compreender o fenômeno das *fake news*: seu surgimento, o contexto em que vicejaram e as distinções conceituais dos estudiosos do fenômeno, os impactos sobre a área da Saúde e as possíveis respostas que podem ser dadas para combater o problema. Foi o que se tentou fazer nesse estudo, situando as principais balizas do assunto, a fim de que se possa avançar na pesquisa proposta a este PPG.

As respostas já estão sendo formuladas do lado dos que buscam combater a epidemia de *fake news*: campanhas de educação pela mídia, trabalho de agências de checagem, manuais e livros que ensinam a identificar o que é fato é o que é mentira, entre outras valiosas iniciativas. Mas esse trabalho ainda está apenas começando, e talvez precise de mais empenho por parte do poder público e do poder Judiciário para que se obtenham respostas mais efetivas. O reforço do marco legal para punir as *fake news* com a criação de leis mais duras para quem produz e dissemina desinformação talvez seja um caminho possível nessa empreitada.

O drama recente da pandemia do novo coronavírus tem trazido todas essas questões de forma mais intensa ainda – negacionismo histórico, epidemia de notícias falsas, movimento antivacina. Desde o início da pandemia, multiplicaram-se as *fake news* sobre a origem do novo coronavírus, curas milagrosas, números de mortos e infectados, entre muitos outros temas que dialogam com o assunto aqui abordado. Nesse sentido, o estudo das *fake news* no contexto das campanhas de vacinação contra o sarampo é também uma contribuição para que se possa entender a dinâmica das crises mais amplas, como a que ora assola a humanidade.

REFERÊNCIAS

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w23089.pdf>>. Acesso em: maio 2020

ANDERSON, C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, n. 5, ano 2, abr. mai. jun. 2013, p. 30-89. Trad. Ada Félix.

BOUNEGRU, L.; GRAY, J.; VENTURINI, T.; MAURI, M. **A Field Guide to Fake news**. Public ARTIGOS | 167, 2017.

BRAZ, Runan. **Queda da cobertura vacinal contra sarampo evidencia falhas na política de saúde**. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/infectologia/queda-da-cobertura-vacinal-contrasarampo-evidencia-falhas-na-politica-de-saude/>. Acesso em 15 de junho de 2020.



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



PROMOTORES:



APOIO:



BUCCI, Eugênio. da ECA – USP, em seminário denominado “**Fake News e Democracia**”, organizado pela Escola de Direito da FGV – SP, em 12 mar. 2018.

CAMPOS, L. **O que são Fake News?**. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/o-que-sao-fake-news.htm>>. Acesso em 23 de maio de 2020

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILHO, Carlos. Apertem os cintos: estamos entrando na era da pós verdade. **Observatório da Imprensa**. São Paulo, ed. 921, 28 set. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/8sZdzP> acesso em novembro de 2020

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Padrões de manipulação no jornalismo brasileiro: fake News e a crítica de Perseu Abramo 30 anos depois. **Revista Rumores**, São paulo, n. 23, v. 12, jan/jun. 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677.rum.2018.144229> acesso dezembro de 2020.

DALMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018. Disponível em: < https://doi.org/10.14195/2183-5462_32_11>. Acesso em: 20 jun. 2020.

DAVENPORT, L. Aumento das fake news põe em risco os pacientes com câncer. **Lancet Oncology**, Medscape, Estados Unidos da América (EUA), Nova York (NY), p. 19-1135, 10 out. 2018.

D’ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News. Barueri: Faro Editorial, 2018. <https://doi.org/10.20396/etd.v21i1.8652833> acesso em dezembro de 2020

FAUSTO NETO, Antônio. **Mediatização** - prática social, prática de sentido. Paper Compós. Bauru, 2006. In: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_544.pdf.

FISCHER, MARC. Uma grande roubada. Na era do remix e da agregação, fica difícil definir o que é plágio. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, n. 13, ano 04, abr./mai./jun. 2015, p. 20-27.



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

RELAGS



PROMOTORES:



APOIO:



GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo.** Porto Alegre: Tchê!, 1989.

GRANEZ, Marcio da Silva. **De Gutenberg ao jornalismo pós-industrial: o percurso do autor no webjornalismo do interior.** Santa Maria: UFSM, 2018. Tese de doutorado. 261 p.

GRANOVETTER, Mark. The strenght of weak ties: a network theory revisited. **Sociological Theory**, vol. 01, 1983. vol. 1, 1983, p. 201-233.

GUROVITZ, Helio. **Verdade, jornalismo e democracia.** Parte I: o paradoxo. G1, 26 de dezembro de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/post/verdade-jornalismo-e-democracia-parte-i-o-paradoxo.html>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

_____. **O inverno das redes sociais.** G1, 30 de julho de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/post/2018/07/30/o-inverno-das-redes-sociais.ghtml>. Acesso em 31 de julho de 2018.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade.** 51. ed. Porto Alegre: L&PM, 2020. (Trad. Janaína Marcoantonio) 464 p.

HJARVARD, Stig. Midiatização: Teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, v. 5, n. 2, 2012. pp. 53-91. <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/338>. Acesso em 12 de abril de 2015.

HENRIQUES, Claudio Maierovith Pessanha. A dupla epidemia: febre amarela e desinformação. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação na Saúde**, 2018, jan-mar; 12 (1) p. 9-13. Disponível em www.reciis.icict.fiocruz.br. Acesso em maio de 2020

ILLADES, Esteban. **Fake News: la nueva realidad.** Ciudad de México: Grijalbo, 2018

MACHADO, Caio C. Vieira; DOURADO, Daniel. A.; SANTOS, João Guilherme; SANTOS, Nina. **Ciência contaminada.** Analisando o contágio de desinformação sobre coronavírus via Youtube. Instituto Nacional de Ciência & Tecnologia em Democracia Digital, 2020.



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

RELAGS



PROMOTORES:



APOIO:



MARDA, Vidushi; MILAN, Stefania. **Wisdom of the crowd**: multisakeholders perspective on the fake news debate. Annenberg School: University of Pennsylvania, 2018. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3184458. Acesso em 15 de junho de 2018.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (understanding media). 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1979.

OBJETHOS. **Guia de cobertura ética da Covid-19**. Florianópolis, 2020. Disponível em: file:///D:/Documents/2020/cheragem%20-%20NUJOC%20-%20coronav%20-%20C3%ADrus/subs%20-%20C3%ADdios/guia_covid_objethos.pdf. Acesso em: 10 e setembro de 2020.

PAULA, L. T.; BLANCO, Y. A.; SILVA, T. R. S. Pós-verdade e fontes de informação: um estudo sobre fake news. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/16764/11221>. Acesso em: junho de 2020

POSETTI, Julia; BONTCHEVA, Kalina. **Desinfodemic**: deciphering COVID-19 disinformation. Paris: Unesco, 2020. Disponível em: https://en.unesco.org/sites/default/files/disinfodemic_deciphering_covid19_disinformation.pdf. Acesso em 20 de junho de 2020.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão**. Metamorfoses jornalísticas, 2020. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>. Acesso em abril 2020

RÊGO, Ana Regina. **O mercado da desinformação ganha aliados com a tecnologia deepfake**. Disponível em: <http://nujoccheragem.com.br/o-mercado-da-desinformacao-ganha-aliados-com-a-tecnologia-deepfake/>. Acesso em 2 de setembro de 2020.

SACRAMENTO, Igor; PAIVA, Raquel. Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. **Matrizes**, São Paulo, vol. 14, n. 1, jan./abr. 2020.

SENADO. Fake news ameaçam vacinação. **Correio Braziliense**, n. 20157, Política, p. 4. 2018. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/546210/noticia.html?sequence=1>. Acesso: <maio de 2020



III SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

III ELAGS ENCUENTRO LATINO AMERICANO DE GESTIÓN SOCIAL

VII SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL



DE 8 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022



PROMOTORES:



APOIO:



SHAO, C. *et al.* The spread of misinformation by social bots. **arXiv**, p.1-16, 2017. Disponível em: <<https://arxiv.org/pdf/1707.07592v3.pdf>>. Acesso em: 10 junho 2020

SILVA, Marcelo Pereira da. **Produção, Comunicação e Representação do Conhecimento e da Informação**. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

SOUZA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

SPINELLI, Egle M.; SANTOS, Jéssica de A. Jornalismo na Era da Pós-verdade: *fact-checking* como ferramenta de combate às *fake News*. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 3, p. 759-782, maio. 2018. ISSN nº 2447-4266. Disponível em <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.18v4n3p759> acesso em dez 2020

THE ECONOMIST. **Once considered a boom to democracy, social media have started to look like its nemesis**. New York, San Francisco and Washington, DC, nov. 4th, 2017.

UNESCO. **Jornalismo, fake news & desinformação**: manual para educação e treinamento em jornalismo. Paris: Unesco, 2019.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; CASTIEL, L. D.; GRIEP, R. H. A sociedade de risco midiaticizada, o movimento antivacinação e o risco de autismo. **Ciência & Saúde Coletiva**, p. 607-616, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n2/1413-8123-csc-20-02-0607.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

VIEIRA, L. M. V.; SILVA, N. R.; CORDEIRO, D. F. Análise descritiva das fake news da saúde através de mineração de textos no Portal da Saúde. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais.. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**, Goiânia, 2019.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1984.